

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Por que inventar um curso de *podcast*?

Why invent a podcast course?

 Pedro Artur Cruz de Melo *

Resumo: Este texto apresenta um relato de experiência que registra a experiência que tive enquanto um dos formuladores/formadores do curso PodVoz: uso da voz em sala de aula, ofertado pela Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação do Distrito Federal (EAPE). O objetivo desse relato é que o(a) leitor(a) encontre um anteparo reflexivo sobre a produção audiovisual de caráter pedagógico, bem como ressaltar o interesse pelo diálogo como um eixo condutor pelas dificuldades e prazeres da relação entre conhecimento e desconhecimento na coletividade. Assim sendo, o presente relato tem mais um caráter ensaístico, de trocas entre quem se interessa pelo tema, do que uma revisão bibliográfica sobre o assunto, por exemplo. São várias as inquietações que a temática nos traz. Para além do domínio técnico ferramental, buscamos refletir sobre o que falar depois que apertamos 'gravar', isto é, partimos de uma perspectiva filosófica-pedagógica-inventiva para refletir sobre o desafio de produzir conteúdo relevante para e com a rede pública de ensino. A metodologia utilizada é a do estudo de caso. Atualmente almejo que o curso transborde o espaço institucional e possa vir a ser uma comunidade de aprendizagem no qual o esforço de escrever este texto se faz como parte deste processo incerto. As falhas que seguem são de inteira responsabilidade do autor.

Palavras-chave: Podcast. Ação-Reflexão-Ação. Formação Continuada.

Abstract: In the following text, I'll relate the experiences I had as one of the PodVoz course developers/teachers. This is a podcast course offered by the Federal District's Subsecretariat for Continuing Education Training for Education Professionals (EAPE). The intention is for the reader to find here a reflective framework on audio visual production of a pedagogical nature, as well as to highlight the interest in dialog as a guiding axis for the difficulties and pleasures of the relationship between knowledge and non-knowledge in the collective. As such, the following text will be more of an essay, of exchanges between those interested in the subject, than a bibliographical review, for example. There are several concerns that the subject brings up. In addition to the technical mastery of the tools, we want to reflect on what to say after we press 'record', in other words, we start from a philosophical-pedagogical-'inventive' perspective to reflect on the challenge of producing relevant content for and with the public education network. The methodology used is a case study. I currently aim for the course to go beyond the institutional space and become a learning community in which the effort of writing this text is part of this uncertain process. The following errors are the author's sole responsibility.

Keywords: Podcast. Action-Reflection-Action. Continuing Education Training

* Professor de História da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Atualmente é formador na Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE/SEEDF). Professor voluntário no CEAMI/UnB e formador na Escola Centro-Oeste de Formação Sindical da CUT (ECO/CUT Apolônio de Carvalho). Contato: pedroartur@gmail.com

“Vou aprender a ler para ensinar os meus camaradas.”

Maria Bethânia

“Há um eros presente em cada encontro, e isso também é sagrado. Basta ouvir internamente as histórias e as ressonâncias da palavra que usamos para designar a experiência religiosa. Em sânscrito, a palavra *satsang*, traduzida para o inglês como “reunião”, significa “encontro divino”. Na língua inglesa, a palavra *common* está ligada à palavra “*communio*” (comunhão) por meio da palavra “*communicate*” (comunicar)... Existir em um estado de comunhão é estar ciente da natureza da existência”.

Susan Griffin *apud* Hooks, 2002.

“Talvez existam várias maneiras de responder (o significado do adjetivo *glukupikron*, como Safo chama eros). A mais evidente vem do grego. A palavra grega eros denota “querer”, “falta”, “desejo pelo que não está lá. Quem ama quer o que não tem. É, por definição, impossível para o amante ter o que deseja se, assim que ele tem, não quer mais. É mais que um jogo de palavras. Há um dilema de eros que tem sido considerado crucial por pensadores desde Safo até hoje.”

Anne Carson

Introdução: por onde começar um relato de experiência?

Parece-me sensato começar este relato dizendo quando eu passei a me interessar mais profundamente sobre o papel da linguagem e do diálogo na nossa relação com o saber. Isso se deu a partir da conclusão da minha dissertação de mestrado². Nela constatei que o que sustenta a permanência de indivíduos em um processo inovativo e incerto é a relação afetiva existente entre a pessoa e o processo. Como não sabia nada sobre isso além de minhas intuições próprias, fiz o que me parecia mais sensato, fui à biblioteca à procura de um livro sobre o tema.

Naquele momento, uma das minhas inquietações era buscar saber o que era uma caixa preta, pois ela aparecia em textos que eu lia, mas não achava uma conceituação, encontrava apenas a menção sem maior elaboração. Aquilo me incomodava, pois era algo central dentro da teoria de inovação, mas os autores que lia não formulavam aquilo a contento, pelo menos não ao meu gosto.

Passando pela biblioteca, topei com o livro *Filosofia da Caixa Preta*, de Vilém Flusser (2002). Nele o autor se debruça sobre a reflexão cultural sobre a máquina fotográfica em nossa sociedade. Nesse texto traçamos uma analogia entre os dois, inclusive valendo-se de um glossário que o autor formula para discorrer sobre o tema. A leitora³ que se interessar pode encontrar uma versão adaptada no apêndice deste relato). Máquina fotográfica e microfone são aparelhos primos de primeiro grau e de alta importância em nossa produção cultural contemporânea, pois eles traduzem ideias em objetos que podem ser compartilhados entre as pessoas com diversos fins.

Figura 1 - Meme sobre a natureza da linguagem⁵



Fonte: desconhecida.

No livro de Flusser (2002), o autor aborda a relação entre texto e imagem e como ambos podem ajudar a elucidar, de modo complementar, um fenômeno complexo. Os bons memes, expressões culturais que ganharam mais evidência na cultura digital da internet, exemplificam bem essa relação. De acordo com Dawkins (2007), meme é a transmissão de informação, e está para a memória analogamente como o gene está para a genética, ou seja, sua unidade mínima.

Em uma de aulas iniciais do curso de *Podvoz: uso da voz em sala de aula*, nos valem do meme representado na Figura 1 como tema gerador para refletir sobre um aspecto central da linguagem: é uma tentativa de tradução, imperfeita, de fenômenos com o qual nos deparamos. Segundo Chauí (2000), a linguagem⁴ é uma convenção que deve ser ratificada coletivamente, ela só faz sentido se os falantes concordam em um significado comum para um termo. No entanto, sua origem é deliberada, escolhida mesmo. Saussure (2001) aborda o caráter dinâmico que a língua tem, ela vai se modificando no tempo e no espaço. Salienta-se assim a importância de termos cuidado na hora de nos comunicar com os pressupostos. A conclusão lógica e generosa que temos que ter com nossos interlocutores é de que nada é óbvio, portanto, é importante a explicitação clara do que estamos querendo dizer para que o diálogo efetivo se estabeleça.

No meme anterior podemos ver um homem caucasiano de meia idade tentando pregar pregos na fronteira entre a água do mar e a areia molhada. Em tradução livre, temos a palavra *humanity* (humanidade) no homem, *language* (linguagem) na região dos pregos e por fim temos *the inherently indescribable nature of the universe*

(a natureza inerentemente indescritível do universo) no restante da água salgada presente na imagem. A junção de texto e imagem, como ressalta Flusser (2002), nos auxilia em compreender um fenômeno complexo como é a linguagem, isto é, a inconstância de significados que a linguagem tem de traduzir, em palavras, fenômenos indescritíveis do universo. Ainda sobre como devemos ter um olhar crítico sobre os memes e o seu papel cultural, a leitora poderá se aprofundar no tema com a leitura de Dawkins (2007).

Não sou linguísta de formação e meus conhecimentos sobre tal assunto são limitados às leituras pontuais que fiz. A discussão sobre a origem da linguagem e o papel que ela desempenha transborda e muito a intenção inicial deste texto. O que desejo sublinhar apenas é o caráter incerto que existe sobre os significados das palavras e conceitos. Elas possuem história e seus usos se modificam ao longo do tempo. Assim sendo, usar conceitos claros e objetivos são importantes, mas ainda devemos estar atentos a esse fenômeno linguístico nos preocupando sempre com as apreciações do outro que falamos. Podemos constatar na cultura popular um dito que toca no tema: é importante combinar com os russos.

O meu primeiro contato sério com o *podcast* foi com *Imposturas Filosóficas*⁶, realizado pelo *site* Razão Inadequada⁷. Ali, tanto no site, como no *podcast*, eu aprendi mais sobre um assunto que sempre me interessou: filosofia. Como bônus acabei aprendendo também sobre afetos, tendo em vista que o *site* tem como um dos conteúdos esse tema, se assim podemos dizer. Conteúdos que eu buscava saber sobre, principalmente depois da conclusão do mestrado. Consumindo o conteúdo, pude perceber que era possível aprender conhecimentos de difícil apreensão de uma outra maneira. Foi a partir desse contato que comecei as minhas reflexões sobre o que eu queria passar nas aulas que mais tarde eu viria ministrar.

O importante de ressaltar essa experiência que vale compartilhar com a leitora que se interessa por *podcast* é a interconexão possível e desejável da seriedade de se apropriar de um conteúdo com profundidade de uma maneira doce e horizontal, de repassar o que se sabe. Eu tenho para mim que o conhecimento adquirido pelo rigor de um estudo visa qualificar melhor o senso comum, que é diverso. Ou seja, para nós não adianta que esse conhecimento permaneça hermético, fechado dentro de um linguajar restrito a iniciados, por exemplo. Algumas ideias precisam circular, e tanto melhor que elas sejam acessíveis sem renunciar à qualidade.

Eu havia gostado do formato e, mais que isso, eu vinha aprendendo conteúdos que sempre tive dificuldade de aprender, seja em matérias que cursei durante os anos da graduação como da pós-graduação em filosofia. De tal modo que copiar o formato apresentado não era o

suficiente, eu queria fazer minha contribuição, queria compartilhar o aprendizado que eu vinha tendo ali, bem como as reflexões próprias que eu tenho sobre o tema e uma das maneiras que eu achei para concretizar isso – dado que me encontrava trabalhando na EAPE – foi criar o curso sobre *podcast*, o *Podvoz: uso da voz em sala de aula*, além do *podcast* *Prosa ao Pé do Ouvido*⁸.

Neste sentido, um dos fundamentos que ressalto neste relato é a pesquisa como pilar de ambas as ações. A aposta é que bons *podcasts*, no contexto escolar, seja quando são consumidos ou produzidos, tem como princípio uma boa pesquisa prévia que o subsidiará. A entrega desse produto ao público escolar pode retroalimentar em um ciclo virtuoso para a pesquisa novamente. Neste sentido, este relato busca trazer a experiência vivenciada na produção e num curso de formação continuada sobre *podcast* considerando o papel da pesquisa e da publicação na educação básica como vetores da inovação, da qualificação do trabalho pedagógico e, sobretudo, da produção de conteúdo relevante para a formação docente, potencializando a ação em sala de aula, um dos itens da chamada pública dessa edição.

Antes de abirmos a próxima seção que traz a metodologia do curso *PodVoz*, falaremos sobre a metodologia deste relato de experiência: o estudo de caso. Para realizar o relato, optamos pela utilização da análise de caso. O estudo de caso, segundo Menga Ludke e Marli André (2003), é o estudo de um caso (simples ou abstrato), sempre bem delimitado para que tenha seus contornos nítidos e definidos no desenrolar da análise. As autoras colocam que “quando queremos estudar algo singular, que tenha valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso” (Ludke, André, 2003, p. 17). Entendemos que esse relato possa ser inserido nesse escopo, pois o encaramos como uma representação singular da realidade multidimensional e historicamente situada do agir pedagógico. É claro que isso não exclui a possibilidade do reconhecimento de pontos em comum com outros casos, em outros contextos, o que permite, de acordo com as autoras, a ampliação e maior solidez no conhecimento do objeto estudado.

Metodologia: um curso gestado e “parido” na pandemia da covid-19

Uma coincidência da gestação do curso foi o fato de que ele foi realizado à época da pandemia da Covid-19. Nisso, mulheres com saberes artísticos, técnicos, pedagógicos que se interessaram pela ideia de criar o curso de *podcast* se reuniram comigo, sendo imprescindível mencionar o nome de cada uma delas: Flávia Oliveira, Yeda Gabriel, Lívia Maria e Adriana Fritz no caso do curso. Também é importante mencionar o nome da Karla Calanz, pois ela foi peça fundamental para termos coragem suficiente em fazer nosso primeiro episódio de *podcast*.

Assim cada um de nós doamos o que sabíamos, formatamos o curso que hoje é ofertado pela EAPE, sendo difícil delimitar precisamente a contribuição de cada um e cada uma neste processo. É relevante destacar que o curso se preocupa tanto com o domínio das ferramentas técnicas de produção audiovisual e *softwares* de edição, tipos de microfones, entre outros, bem como oferece uma reflexão sobre como produzir conteúdos interessantes. Vale retomar e expandir, nos parágrafos que seguem, o que dissemos no resumo: nosso pressuposto é filosófico-pedagógico-invencionático.

Em linhas gerais, ao que tange ao aspecto filosófico, é o interesse pela ideia profunda a ser compartilhada, não apenas emitindo meras opiniões. As opiniões podem ser ponto de partida para uma pesquisa sobre um tema, um guia que indica o assunto de interesse, mas que não é suficiente para um diálogo interessante. Um pensamento filosófico importante para a consecução de nossos trabalhos é Martin Buber (2001), valendo destacar para o escopo de nosso texto, a importância que o autor dá ao diálogo e que nesse ato o mais importante é a relação estabelecida entre as pessoas. Ao dialogar, é interessante não fazermos apenas trocas de turnos de fala onde falamos sozinhos, mas estabelecer a relação de troca e cuidar para que ela não se desfça. Cuidando sempre para o que formos falar, por mais difícil, crítico, ácido, verdadeiro que seja, para que nunca se rompa essa relação.

No que concerne ao aspecto pedagógico, nosso curso é um lembrar de alguns pressupostos da pedagogia freiriana. Falar sobre Paulo Freire (1967, 1974, 1983, 2011) nunca será demais. Em nossa visão, uma teoria que parte de pressupostos como a amorosidade, a humildade, o diálogo, a ação-reflexão-ação, a paciência histórica é uma boa teoria pedagógica. Momentos como o de investigação do universo vocabular, no qual são captadas palavras geradoras que desembocarão no tema gerador, são momentos importantes para um professor ou professora que busca dar aos seus alunos autonomia crítica no agir neste mundo.

Não menos importante há de se destacar a postura de abertura ao universo de quem dialogamos e Paulo Freire foi um bom exemplo nesse ponto também. Em seu livro *Ensinando a Transgredir*, bell hooks (2017), uma profunda conhecedora da obra freiriana, relata o momento que encontrou o brasileiro e o indagou sobre o fato de ele não ter falado em seus textos sobre a questão da raça, até o presente momento. Segundo a norte-americana, esse foi uma espécie de teste de fogo para saber se as ações de Freire estão em harmonia com suas palavras e de fato estavam. Ele reconheceu a falta e em parte essa lacuna foi muito bem preenchida por bell hooks.

Por fim nos resta discorrer, em linhas gerais, sobre o aspecto invencionático do trinômio apresentado que fundamenta o curso. Essa é uma palavra obtida do poema “Apanhador de Desperdícios”, de Manoel de Barros e nos valem dela para qualificar o aspecto criativo, que se vale da palavra, que julgamos importante de tratar no curso também. No poema o autor fala que está fadado de palavras que informam e que se vale delas para compor os silêncios. Inserir um caráter poético no curso tem a ver com uma vontade de se valer desse gênero literário para ressaltar a importância do uso de imagens e analogias, o que constitui o gênero de acordo com Suassuna (2018). Ao fazer um *podcast*, podemos nos valer de uma fala mais poética, mas sem deixar de lado a clareza e objetividade dos termos.

Desta feita, preocupações constantes nossas são ofertar um saber e um jeito de lidar com as coisas diferentes do que se encontra no *Youtube*. Quem tem o perfil autodidata pode fazer um *podcast* a partir de vídeo aulas na internet. Mas se estamos ofertando um curso na EAPE, ou seja, um curso de formação em serviço, tentamos nos adequar às características da rede pública de ensino. Isso significa que o curso foi pensado para que mesmo aquela pessoa que tenha zero conhecimento sobre o assunto possa entregar um *podcast* ao fim dele.

O que podemos dizer é que o PodVoz não é um curso que ensina aspectos meramente técnicos, lançamos reflexões sobre o que produzir e como entregar ao público. Pois uma coisa que ficou claro na pandemia é que há um vasto conhecimento na internet, porém não era/é acessado, sentíamos que algo faltava. É esse algo que buscamos ofertar nas aulas para o incentivo a uma melhor relação com conhecimento: linguagem mais acessível, cuidado com pressuposições do conhecimento, um jeito particular de falar, entre outros. Esses elementos foram surgindo a partir de uma revisitação teórica freiriana, já mencionada anteriormente, que contou com incentivos diretos da educadora popular Rafaela Dornelas a quem eu sou eternamente grato por ter tido diálogos improváveis e inesperadamente prazerosos.

Percebemos, na avaliação que conduzimos sobre o curso, ao final do processo, como os cursistas gostam dessa revisitação. A avaliação consiste em mais uma roda de conversa em que perguntamos: “Que bom?” “Que ruim” “Que tal?”, momento em se fala um aspecto bom do curso, um ruim e por fim uma sugestão de melhora. Como incentivamos que os *podcasts* sejam feitos a partir do interesse dos cursistas, as reflexões sobre o diálogo auxiliam nesse aspecto da vida no qual muitas das vezes nos encontramos em desentendimentos. Constatações que o significado de um enunciado é dado pelo receptor da mensagem e não o seu emissor tem incorporações imediatas, conforme Jakobson (2008) aponta.

Superar as dificuldades de lidar pela primeira vez com um programa de edição de áudio também traz muita satisfação, principalmente para os cursistas de idade mais avançada. As trocas horizontais entre todos, bem como o modo como conduzimos as aulas agradam. Em nosso curso, todos os professores participam de todas as aulas sem que isso ocasione uma bidocência, pois todos são titulares de turmas.

A elaboração conceitual freiriana que se vale do papel dialógico, do círculo de cultura, da ação-reflexão-ação da amorosidade, como mencionado anteriormente, são princípios educativos incorporados às aulas do PodVoz. A partir deles, buscamos incentivar os diversos motivos que fazem com que os cursistas se inscrevam em nosso curso, como relatado nas avaliações, a saber: não conformação com a situação da educação pública; combate da apatia estudantil; procura por um *hobby*; conhecimento técnico sobre áudio; saber o que fazer com a trilha da BNCC sobre *podcast*; projetos pessoais; busca pela implementação de projetos interdisciplinares na escola; fomento da criação do grêmio estudantil; estabelecimento de um canal comunicativo com a comunidade escolar; implementação de uma rádio escola, entre tantos outros motivos. .

De modo análogo, passamos a produzir os episódios do *podcast* “Prosa ao pé do ouvido”, pois como bons herdeiros da teoria freiriana, nós aprendemos fazendo. Ali estamos testando uma ação de divulgação científica do conhecimento em parceria com a *Revista Com Censo*. Entrevistamos a editora-chefe da Revista Com Censo, Raquel O. Moreira e as autoras do artigo cidade espelho⁹, texto que explora a importância da descentralização cultural do Distrito Federal, muito restrita ao Plano Piloto. O que percebemos é que o *podcast* não substitui a leitura do artigo científico, mas o suplementa, pois abordamos, de outro modo, elementos importantes que eventualmente ficam de fora do texto escrito que são relevantes, mas que o rigor necessário da escrita científica não permite. Apostamos em uma retroalimentação de saberes, visando, como já mencionado, a qualificação do senso comum. Na linha de um esforço de constituição de uma inteligência coletiva, nos termos em que Pierry Lévy (1994) conceitua sobre a inteligência artificial e mais especificamente com a inteligência coletiva, algo como que essas tecnologias permitem uma cartografia de acesso ao conhecimento, ou seja, um compartilhamento dos saberes produzidos por diversos especialistas.

Recentemente gravamos um episódio sobre um programa de ensino de língua portuguesa chamado *Gramaticoteca*¹⁰. Nosso interesse maior, se podemos resumir em poucas palavras, é fazer circular o saber relevante para nossa rede de ensino. Correndo risco de ser ousados a ponto de chegarmos a parecer ser ingênuos, querendo combater a desinformação, oferecendo uma relação prazerosa com o saber através do diálogo.

Considerações finais

Não sabemos exatamente onde isso vai parar e parte interessante deste processo é justamente isso, é a constante mudança que encontramos na relação com o saber que nos convida eternamente a qualificá-lo. O curso e o *podcast* passaram por várias reformulações e continuarão passando. As próximas que quero acrescentar vem de incorporar saberes sobre retórica e a arte de discordar, saberes do debate competitivo, e construir um espaço de uma comunidade de aprendizado que vá para além do curso. O texto escrito cristaliza o saber, por mais leituras que se faça, a quantidade de respostas é limitada, mas o diálogo sempre está aberto para novas respostas, interações, descobertas para perguntas interessantes que vão surgindo ao longo do tempo da caminhada pedagógica.

Chega o momento de apresentar à leitora as respostas que tivemos ao longo do tempo para a pergunta que está no título do nosso texto: Por que inventar um curso de *podcast*? Para compartilhar o conhecimento que temos. De nada vale guardá-lo apenas com a gente e é um bom legado para se deixar, se é que podemos falar nesses termos. Para acolher colegas de trabalho que acrescentam no esforço coletivo de fazer uma educação pública melhor. Para fazer formação continuada sobre produções audiovisuais de cunho pedagógico. Audiovisual não é apenas entretenimento e explorar isso é interessante para quem quer trabalhar com protagonismo juvenil, isto é, quem procura encontrar uma voz. Para fazer divulgação científica, combatendo assim um dos males atuais: a desinformação. Para ver trabalhos excepcionais realizados por profissionais da rede pública de educação do Distrito Federal. Para ler novamente Paulo Freire, uma revisitação sempre muito bem-vinda para quem trabalha com educação. Para ter uma relação tranquila entre o que se sabe e o que não se sabe proporcionada pelo encontro de pessoas diferentes. Para não ter pressa na relação com o conhecimento, afinal, as coisas levam tempo para serem bem-feitas, apressar um trabalho é só fazer ele ficar ruim e inócuo, portanto desnecessário. Para encontrar aquilo que não se esperava.

Essas são apenas algumas das respostas possíveis e provavelmente teremos respostas diferentes caso venha escrever um texto desta mesma natureza novamente no futuro. No entanto existe um esforço de fundo comum: demonstrar a importância do diálogo falado na relação com o conhecimento. Do esforço demorado que ele precisa para amadurecer, evitando um apressamento desnecessário, bem como da beleza do contato do desconhecido com o conhecido. Como relata Carson, remontando ao diálogo platônico de Fedro:

Nenhum jardineiro sério, que tivesse realmente a intenção de cultivar plantas, se envolveria com agricultura apressada e cósmica dos jardins de Adônis – Sócrates e Fedro concordam. Pelo mesmo motivo, nenhum pensador sério em relação a comunicar

escolheria “semeá-los em tina com uma haste de junco” (276c). Os jardins de letras, assim como os jardins de Adônis, são semeados por diversão (276d). Os pensamentos sérios precisam de um cultivo diferente e tempo para crescer; plantados como sementes da fala viva no solo de uma alma apropriada, os pensamentos vão criar raízes, amadurecer e frutificar conhecimento na estação adequada (276e-277a). A essa altura do diálogo, Sócrates apresenta a Fedro sua crença de maneira sincera e enfática o verdadeiro lugar dos pensamentos e conhecimentos sérios é na conversa filosófica, não nos jogos de leitura e escrita” (Carson, 2022).

Restabelecer o diálogo como lócus das relações pessoais e de apropriação do conhecimento parece

uma tarefa legal de escrever sobre, de fazer *podcast* sobre e, sempre que possível, em coletivo. Queria finalizar agradecendo enormemente os encontros com pessoas que ajudaram o curso ser o que é, desde cursistas a pessoas que numa troca, às vezes, sem nem perceber deixaram uma contribuição significativa. De todo modo, preciso mencionar nominalmente as professoras formadoras: Flávia, Yeda e Lívia. De longe, o que os cursistas mais apreciavam em nossas aulas deve-se ao fato de elas terem sido feitas coletivamente em um esforço horizontal que valeu cada gota de suor derramado. ■

Notas

- ¹ Essa foi uma livre tradução feita pelo autor do texto, compartilho o original em inglês para quem possa interessar: “There is an eros present at every meeting, an this is also sacred. One only has to listen inwardly to the histories and resonances of the word we use for religious experience. In sanskrit the word satsang, wich translate into English as “meeting” mens “godly gathering”. In the English language the word common is linked through the word “communicate” to “communion”... To exist in a state of communion is to be aware of the nature of existence.”
- ² Para quem se interessar sobre a relação entre Inovação e Educação, a minha dissertação encontra-se disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/33822>. Acesso em: 3/5/2024.
- ³ A declinação no feminino é uma opção estilística que visa um posicionamento crítico sobre a escrita ao mesmo tempo que buscar proporcionar uma leitura mais fluida do texto. Pode-se ler na declinação masculina ou de gênero neutro, o que melhor convir.
- ⁴ Nesse relato, decidimos usar linguagem e língua como sinônimos por uma opção estilística. Sobre isso, o leitor poderá se aprofundar sobre as diferenciações entre os termos em Bakhtin, Wittgeinstein, Lacan, entre outros autores, para compreender que não seria bem um acordo, mas o resultado da tensão/interlocução entre falantes.
- ⁵ Em tradução para o português, o meme traz o texto “a natureza inerentemente indescritível do universo”, tendo abaixo a palavra “linguagem” e na lateral esquerda, a palavra “humanidade.”
- ⁶ Disponível em: <https://razaoinadequada.com/mais/imposturas-filosoficas/>. Acesso em: 3/5/2024.
- ⁷ Disponível em: <https://razaoinadequada.com/>. Acesso em: 3/5/2024.
- ⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kp4kvtuDg30&list=PL72khRbo1DyUVoJwe9kSXaFbnO2RLaiob>. Acessado em: 3/5/2024.
- ⁹ Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/rccj/article/view/1390>. Acesso em: 3/5/2024.
- ¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9W9z3WA-Loc>. Acesso em: 3/5/2024.

Referências

- BETHÂNIA, Maria. **Yaya Massemba**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j3MLNFPGEpw>. Acessado em: 27 mar. 2024.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 10ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- CARSON, Anne. **Eros, o Doce Amargo**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Communion: the female search for love**. William Morrow & Company, 2002

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2008.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Glossário **utilizado no curso *Podvoz: uso da voz em sala de aula*¹:**

Aparelho: brinquedo que simula um tipo de pensamento.

Aparelho fonográfico (microfone): brinquedo que traduz pensamento conceitual em som.

Código: sistema de signos ordenados por regras.

Conceito: elemento constitutivo do texto.

Conceituação: capacidade para compor e decifrar textos.

Decifrar: revelar o significado convencionalizado de símbolos.

Ideia: elemento constitutivo da imagem.

Idolatria: incapacidade de decifrar os significados da ideia, não obstante a capacidade de lê-la, portanto, adoração à imagem.

Imagem: superfície significativa na qual as ideias se inter-relacionam magicamente.

Imaginação: capacidade para compor e decifrar imagens.

Informação: situação pouco provável.

Informar: produzir situações pouco prováveis e imprimi-las em objetos.

Memória: celeiro de informações.

Objetividade: valor que tem por premissa a generosidade com a atenção alheia.

Objeto cultural: objeto portador de informações impressas pelo homem.

Objeto: algo contra o qual esbarramos.

Podcast 1: imagem sonora produzida e distribuída por aparelho.

Podcast 2: Produto audiovisual destinado a fazer uma comunidade de aprendizagem através da manipulação, meio séria, meio brincante, de imagens e sensações, visando a superação das mesmas.

Podcaster: pessoa que procura inserir na imagem informações imprevistas pelo aparelho fonográfico.

Produção: atividade que transporta objeto da natureza para a cultura.

Prolixidade: condição inescapável de quem fala sobre o que gosta.

Realidade: tudo contra o que esbarramos no caminho à morte, portanto, aquilo que nos interessa.

Redundância: informação repetida, portanto situação provável.

Roteiro: documento onde você antecipa decisões da produção de um produto audiovisual visando um objetivo.

Signo: fenômeno cuja meta é outro fenômeno.

Texto: signo da escrita em linhas.

Textolatria: incapacidade de decifrar conceitos nos signos de um texto, não obstante a capacidade de lê-los, portanto, adoração ao texto.

¹ Este glossário foi inspirado, incorporado e modificado a partir do livro *Filosofia da Caixa da Preta*, de autoria de Vilém Flusser (2002).